

Análise do Filme *Girl*: Transexualidade e Interações Sociais na Adolescência

Bárbara Kremer Freitas¹, Evelyn Schweitzer de Souza², Samíris Coral Hoepers Heinzelmann³
e Sophia Berka Marques da Silva⁴

¹⁻⁴ Graduando de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O presente estudo teve como objetivo compreender as interações sociais enquanto adolescente transexual em diferentes espaços, assim como compreender a relação entre a formação da autoimagem durante a adolescência e a transexualidade, através da análise das relações de grupos cisgênero presentes no convívio social da adolescente transexual, com base na observação e análise do filme "Girl" e suas personagens. Os dados foram compreendidos de forma qualitativa a partir da análise e discussão entre as pesquisadoras sobre os conceitos e categorias abordados pelo filme. Observou-se que a personagem principal apresentava um comportamento retraído e suas interações sociais foram perpassadas por preconceito e discriminação. A dificuldade em criar laços e a sua relação difícil e dolorosa com o próprio corpo denotam a construção de um autoconceito negativo. Sugere-se a realização de novos estudos sobre a transexualidade na adolescência e retraimento social, principalmente no Brasil, tendo em vista a escassez de pesquisas sobre tais temas.

Palavras-chave: Adolescência; Autoconceito; Discriminação; Interação social; Transexualidade.

Introdução

A compreensão de si mesmo se dá através de relações sociais, sejam elas familiares, amorosas ou entre amigos. As interações sociais se tornam essenciais, então, para diferentes funções humanas, englobando, porém não se limitando, às funções emocionais e informativas e permite a compreensão de si através da percepção que o indivíduo cria de si mesmo, seja por sua aparência ou capacidade, por exemplo (Faria, 2002). Nossas primeiras interações sociais se dão dentro de nosso núcleo familiar; núcleo este bastante relevante para a formação e desenvolvimento do sujeito, onde formamos conceitos e estereótipos com base naqueles pré-definidos pelo núcleo familiar (Zerbinati & Bruns, 2018).

O preconceito é dividido em diferentes componentes, de acordo com a psicologia social, sendo eles o cognitivo - os estereótipos - que se faz base para o preconceito, onde o indivíduo constrói seu conceito sobre o outro baseado em seus traços e características; o afetivo, baseado nos sentimentos negativos criados e mantidos em relação ao objeto de preconceito; e o comportamental - ou discriminação - que se dá pela soma dos componentes cognitivo e afetivo, resultando em comportamentos diferentes quando próximo ao objeto de preconceito, seja por ações agressivas ou verbalizações depreciativas em relação ao sujeito, o preconceito é dirigido a um indivíduo pertencente a algum grupo, só pelo fato de pertencer a tal grupo (Rodrigues et al., 2009; Teixeira et al., 2018).

A evolução do indivíduo se dá através de diferentes etapas, desde o crescimento físico até os ajustamentos emocionais. A adolescência concentra estes processos evolutivos, se tornando um desafio na vida do indivíduo, pois é onde o sujeito passa a criar sua percepção sobre e si e sobre os outros, além de passar pela fase de amadurecimento biológico e social, onde as tarefas evolutivas - definição de carreira, valores, orientação sexual, entre outros - se tornam um desafio para o adolescente (Havighurst, 1951).

A definição e resolução destas tarefas evolutivas dá base para a formação da identidade do indivíduo e, apesar de não necessariamente se darem por resolvidas logo na adolescência, é neste período que o indivíduo passa a percebê-las. Dentre estas tarefas, visando à compreensão da sua identidade sexual e relacionamentos, o desenvolvimento de uma identidade sexual está intimamente ligado ao processo de formação do sujeito, onde é possível notar uma forte influência da sociedade e seus valores sociais.

Em meio aos processos de formação de uma identidade sexual, a transexualidade se apresenta de forma complexa e bastante ampla, abrangendo diversos assuntos relacionados a gênero, visto que transexuais são aqueles que buscam mudanças corporais e comportamentais por não se identificarem com o sexo com o qual nasceram ou às expectativas de gênero que lhe foram atribuídas ao nascer (Zanette & Felipe, 2017). Este processo de identificação, apesar de ser mais amplamente discutido na fase adulta, ocorre, muitas vezes, na adolescência, porém são menos discutidos em função da pressão familiar existente em grande parte dos núcleos familiares, resultando em uma tendência maior de retraimento social e, conseqüentemente, de depressão (Rosenberg, 2004).

Considerando a crescente relevância do tema e a importância de se discutir a transexualidade, desfazendo os estigmas presentes em diversas culturas e mediante os pontos citados, para possibilitar a observação da transexualidade na adolescência e suas implicações no desenvolvimento humano, utilizou-se do filme “Girl”, lançado na Bélgica no ano de 2018. O filme retrata o cotidiano de Lara, uma bailarina de 15 anos que passa pelo processo de transexualização. Sua rotina exaustiva, aliada à terapia hormonal e às barreiras que a personagem vive, complexificam a experiência de Lara enquanto adolescente, assim como a construção de sua identidade. O filme - ganhador de muitos prêmios em toda a Europa, entre eles, quatro prêmios do Festival de Cannes e quatro, das nove, indicações ao prêmio Magritte

- retrata, de maneira sensível e profunda, as angústias sentidas pela adolescente por conviver em um corpo com o qual não se identifica.

Objetivo geral

Compreender a influência da transexualidade nas interações sociais e no processo de construção do autoconceito por meio da observação do filme "Girl" (2018).

Objetivos específicos

- 1) Observar como se dão as interações sociais enquanto adolescente transexual nos diferentes espaços em que transita;
- 2) Entender a relação entre transexualidade e formação do autoconceito na adolescência;
- 3) Examinar as relações discriminatórias por parte de outros sujeitos cisgênero presentes no convívio social.

Retraimento social

O retraimento social pode ser descrito como uma forma de evitar a rejeição, através da remoção do sujeito de situações que envolvem interação social entre os pares, em diferentes espaços e contextos (Correia et al., 2014). É possível notar que este retraimento, ou distanciamento, social afeta os indivíduos de variadas formas, resultando em dificuldades de natureza social e individual, ou seja, dificultando relações para com terceiros e para consigo, quando o indivíduo não se sente capaz de compreender a si mesmo, causando, muitas vezes, uma redução de autoestima, ansiedade e quadros depressivos (Rubin et al., 1995). Com o passar do tempo, tem-se constatado que os indivíduos socialmente retraídos são, muitas vezes, menos aceitos socialmente e, até mesmo, mais excluídos e rejeitados pela sociedade (Correia et al., 2014).

As relações sociais são de grande relevância para o desenvolvimento humano, pois possuem função informativa, emocional e instrumental, estando diretamente associadas à formação da motivação e do autoconceito, que, para Faria (2002), pode ser caracterizado como a compreensão de si mesmo, por parte do indivíduo, ou, ainda, a percepção que tem sobre sua aparência, competências e capacidades. A elaboração da identidade e da imagem social ocorrem a partir da interação social, sendo a participação de grupos, a aprovação e o reconhecimento de outrem fundamentais para a formação de ambas, assim como as interpretações feitas pelos próprios indivíduos sobre si e sobre estas experiências (Nogueira, 2001; Marsh & Hattie, 1996; Shavelson et al., 1976).

O primeiro contato com a necessidade de estabelecer laços sociais é dentro da organização familiar - entre suas inúmeras estruturas possíveis - e marca sua importância na formação do sujeito. É através desse universo que o sujeito passa a obter as primeiras informações sobre as normas sociais que delimitam o seu comportamento e que influenciaram, por exemplo, no modo como ele percebe o gênero e na construção da sua identidade de gênero. Se o sujeito recebe essas informações repletas de preconceitos e estereótipos, é possível que o indivíduo reproduza tais atitudes ou torne-se vítima de um comportamento discriminatório, caso pertença à minoria alvo da atitude preconceituosa (Zerbinati & Bruns, 2018).

Preconceito e discriminação

A psicologia social contemporânea divide o preconceito em três componentes: cognitivo, afetivo e comportamental. O componente cognitivo, base do preconceito, são os estereótipos - crenças sobre traços e características que compartilhamos a respeito de grupos sociais, objetos ou comportamentos. Construimos uma estrutura mental que representa nossos conhecimentos acerca do objeto estereotipado, generalizamos as similaridades e expressamos comportamentos de acordo com essa percepção. O estereótipo é uma ferramenta utilizada

para delinear a percepção da sociedade em relação ao mundo, podendo se manifestar de forma positiva, neutra ou negativa, correta ou incorreta, porém, ao construir e delimitar uma opinião sobre um terceiro, deixamos de vê-lo como um sujeito único e complexo. (Rodrigues et al., 2009)

Os sentimentos negativos que criamos, mantemos e nutrimos em relação ao nosso objeto de preconceito é o principal formador do componente afetivo, sendo baseado em nossas crenças e mantido pela nossa cognição. Para nos referirmos ao componente comportamental, segundo os autores Rodrigues et al. (2009, p. 150), devemos usar o termo “discriminação”. A discriminação é, como consequência, a expressão da soma do afeto negativo e da construção cognitiva acerca de um objeto ou grupo social. Essa expressão pode se dar por um comportamento diferenciado diante do objeto, verbalizações hostis, depreciativas e vexatórias e, ainda, por meio de comportamentos agressivos e violentos que colocam em risco a integridade física do outro. O preconceito, explorado e retratado em cenas do filme “Girl”, é na sua origem, portanto, segundo a psicologia social, uma atitude baseada em crença, afeto e comportamento (Rodrigues et al., 2009; Teixeira et al., 2018).

Transexualidade

Para Havighurst (1951), a evolução ao longo da vida se divide em diferentes pólos, dentre eles, é possível ressaltar o crescimento físico, os ajustamentos emocionais, as interações e os relacionamentos sociais. A adolescência se faz parte desafiante da vida, visto ser uma época onde a busca pela aceitação do corpo físico, a inclusão social, o estabelecimento de novos vínculos de amizade e relacionamentos e a preparação para seguir uma profissão se apresentam constantemente na rotina do indivíduo. Essas tarefas evolutivas são desafiadoras e costumam afetar profundamente os indivíduos deste grupo etário, seja por amadurecimento biológico, desejos e valores individuais ou por pressão cultural da sociedade onde o indivíduo está inserido.

Segundo Erikson (citado por Papalia, 2013) a identidade é formada quando três questões principais são resolvidas: a escolha de uma ocupação, a adoção de valores para viver e o desenvolvimento de uma identidade sexual. Elas não são sempre completamente resolvidas na adolescência, mas é nesse período que essas questões entram em foco. No que tange ao desenvolvimento da identidade sexual, estão incluídos no processo aspectos como ver-se como um ser sexual, reconhecer a própria identidade sexual e formar uniões afetivas ou sexuais. Dessa forma, o desenvolvimento de uma identidade sexual está intimamente ligado à formação de autoimagem e de relacionamentos, e mesmo que tenha uma base biológica, é fortemente desenvolvida pela cultura.

A transexualidade trata-se de um assunto complexo e bastante amplo, abrangendo diversos assuntos relacionados a gênero. Transexuais são aqueles que não se identificam com o sexo com o qual nasceram ou às expectativas de gênero que lhe foram atribuídas ao nascer, levando-os, com o tempo, a buscar por mudanças corporais que lhe façam sentir confortáveis e alinhados ao gênero com o qual se identificam. (Zanette & Felipe, 2017)

A população trans tem um longo percurso de lutas por direitos, mas suas conquistas são demasiadamente recentes. Até 2013, a transexualidade era entendida como transtornos de identidade de gênero pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM- IV) e até 2019 estava descrita como transtorno no capítulo de doenças mentais pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID 10) (American Psychiatric Association [APA], 2002; Organização Mundial Da Saúde [OMS], 1997). A patologização da transexualidade ao longo da história contribuiu para sua estigmatização, discriminação e para manutenção de condutas transfóbicas em diversas instâncias sociais.

Durante a adolescência, os indivíduos que começam a se identificar como transgênero, muitas vezes, guardam seus sentimentos consigo devido à pressão social e familiar, visto que a sociedade - em especial, os membros da família - costumam negar ou

rejeitar os adolescentes que passam a se identificar por um gênero culturalmente construído diferente daquele com o qual nasceu (Zamboni, 2006). Essa falta de apoio e aceitação faz com que muitos optem por não se declarar transgênero, aumentando a probabilidade de depressão e risco de suicídio quando comparados a adolescentes heterossexuais e cisgênero (Rosenberg, 2004).

Método

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de caráter descritivo, onde, através deste, busca-se compreender, descrever e identificar as correlações e interações da transexualidade na adolescência (Gil, 2002). A observação ocorreu de maneira indireta, não participante, de modo que o pesquisador não interfere na forma como o fenômeno se desenvolve (Flick, 2013). Quanto aos dados, serão tratados de modo qualitativo, baseados na interpretação subjetiva do pesquisador e fundamentados na literatura já existente, que norteia nossa pesquisa (Gil, 2002).

Descrição do material utilizado para análise

Para a observação dos fenômenos, utilizou-se do filme longa-metragem *Girl*, produzido na Bélgica e lançado em 2018. O filme retrata o dia a dia de Lara, uma adolescente, bailarina, que mora com seu pai e seu irmão e que está em processo de transexualização.

Todos os acontecimentos do filme têm como plano de fundo a transição hormonal de Lara, iniciada com os inibidores de puberdade que, com a chegada de seus dezesseis anos, passam para hormonoterapia e seu desejo constante pela cirurgia de redesignação sexual. Além da transição hormonal e dos processos característicos da adolescência, existem outras transições ocorrendo em sua vida, tais como mudança de casa e de escola, destacando-se, simbolicamente, a iniciação de Lara nas sapatilhas de ponta, feita de maneira tardia em comparação as garotas cisgênero.

Estão presentes, no filme, situações cotidianas que possibilitam a observação do comportamento de Lara nos múltiplos espaços que fazem parte de sua vida, assim como sua relação com as diferentes pessoas que cruzam seu caminho.

Participantes

Lara (Victor Polster), uma bailarina de 15 anos em processo de transexualização; seu pai Mathias (Arieh Worthalter), taxista; e seu irmão mais novo, Milo (Oliver Bodart).

Procedimentos

As pesquisadoras assistiram, individualmente, ao filme *Girl*. Foi realizada a observação de aspectos que, a partir do processo interno e individual de reflexão, foram considerados relevantes como dados de coleta para a análise da pesquisa, e posteriormente discutidos coletivamente entre as pesquisadoras, para que as categorias de análises fossem determinadas. Por fim, com nosso problema de pesquisa delimitado, buscamos na literatura referências bibliográficas para a fundamentação teórica da pesquisa.

O tema foi delimitado a partir da completa visualização do filme, possibilitando a compreensão sobre a temática principal e os aspectos decorrentes e complexos, como os fenômenos de interação social e de autoaceitação, referentes à protagonista, e a discriminação experimentada por ela em meio a diferentes ambientes.

Resultados e Discussão

Através do filme "Girl" e dos fenômenos ali representados, foi possível compreender a forma como se dão as interações sociais de Lara em diferentes espaços e situações, como o comportamento de retraimento social comum a todas as interações com pares da adolescente; sua forma de relacionar-se com seu corpo e sua própria imagem enquanto adolescente transexual; e as variadas formas de discriminação sofrida nos diversos espaços habitados. Portanto, a partir da observação do filme e do referencial teórico, foi possível formular três categorias de análise: retraimento social, autoimagem e discriminação.

O retraimento social diz respeito ao auto isolamento de um sujeito na relação com pares, sejam eles conhecidos ou não, que se caracteriza como um comportamento solitário recorrente e consistente em diferentes contextos e ao longo do tempo, em função do medo da rejeição (Correia et al., 2015). A personagem Lara demonstra este comportamento nos variados ambientes pelos quais transita, seja com sua família, com seus colegas de escola ou, até mesmo, com seu psicólogo. Lara, apesar de se fazer fisicamente presente em diferentes ocasiões, raramente cria vínculos com aqueles que ali estão, buscando manter-se afastada e evitando interações verbais extensas.

Durante as aulas de Ballet, Lara quase sempre se apresenta em cena afastada dos colegas, se isolando em algum ponto da sala, e mesmo quando fisicamente perto desses grupos, sua interação se limita a gestos de concordância e sorrisos pouco expressivos. O retraimento está relacionado a um alto controle psicológico e comportamental do sujeito (Rubin et al., 2010), se manter afastada, controlando a forma como se expressa, reflete o medo e a insegurança dela frente aquele grupo, principalmente no que diz respeito ao seu sentimento de pertencimento e aceitação dentro daquele espaço. Monro (2005) discute a

acentuação da vulnerabilidade de pessoas transgêneros como justificativa para uma vida de afastamento social, uma vida a margem, segregada.

Outro aspecto importante é a sua dificuldade em criar vínculos. O afastamento dos colegas, seu retraimento, é usado como ferramenta de proteção e autopreservação, mesmo em conversas com seu pai, a personagem parece estar sempre se defendendo de algo, nunca se expressa de forma aberta sobre o que sente, busca sempre contornar o tema da conversa e assim não se expor. Conforme Rubin et al. (2010) o retraimento pode estar associado a quadros de ansiedade e depressão, mesmo que ela internalize os problemas, o sofrimento dela é muito evidente a cada cena em que ela não se permite mostrar ao outro, ela tem momentos de introspecção e silêncio, além de demonstrar sua exaustão através do choro como uma forma de aliviar e externar a sua dor.

Além do comportamento de retraimento da personagem, o seu processo de aceitação corporal foi explorado de maneira profunda, ela se sente em um corpo com qual ela não se identifica e o filme apresenta essa desaprovação que Lara tem para com seu corpo através, por exemplo, de cenas em que aparecia nua, não conseguindo se olhar no espelho ou quando tomava banho de roupas íntimas para que não se visse nua, assim como utilizar fitas para reduzir o volume em suas roupas escondendo o órgão sexual.

A autoimagem, segundo Carl Rogers, se desenvolve a partir da interação social, onde se constrói o conceito de si mesmo, ou seja, a partir da influência do ambiente e das relações que mantemos com terceiros, (como citado em Mendes et al., 2012). Isso implica em cumprir as exigências que esse contexto impõe, responder às expectativas, inclusive as de gênero, havendo uma cobrança excessiva para se alinhar aos padrões impostos socialmente.

Fica evidente a fragilidade da construção da autoimagem da personagem quando ela se vê não pertencente ao corpo com o qual nasceu e muito menos respondendo às expectativas sociais estabelecidas. Essa fragilidade na construção da autoimagem da

personagem a leva a buscar por alternativas que aproximem seu corpo de um corpo que a sociedade considera feminino, e então, se aproximar de uma possível aceitação social através de ações drásticas como, por exemplo, perfurar a própria orelha para aplicação de brincos, aumentar - sem indicação ou auxílio médico - a dosagem do remédio que toma para seu tratamento hormonal e, como visto ao fim do filme, se automutilar.

Em razão das expectativas de gênero estarem associadas ao que a sociedade chama de sexo biológico, pela construção negativa de sua imagem corporal, Lara cria uma aversão ao próprio pênis. Assim, ao receber a notícia de que precisaria de mais tempo fazendo acompanhamento psicológico e médico para realizar a cirurgia de redesignação sexual, decide por automutilar-se e retirar seu órgão sexual, com uma faca de cozinha dentro da própria casa. Essa atitude desesperada demonstra o desejo de cessar tamanho sofrimento de maneira rápida, sem entender todos os pormenores relacionados a ele, ela decide por arrancar aquilo que o estabelecimento social considera determinante do gênero e do corpo masculino, e que a impede de viver plenamente, sem se dar conta de que esse impedimento tem muito mais a ver com as construções das crenças preconceituosas e a pressão que tais valores exercem sobre nós.

Outro aspecto da observação foi o comportamento discriminatório dirigido a Lara, no ambiente escolar, por colegas e dentro do contexto familiar. A discriminação é o componente comportamental do preconceito, a expressão de sentimentos negativos ou antipatia sobre determinado grupo social ou objeto, associados a estereótipos ou pré-julgamentos. Herek (2009) discute o termo “preconceito sexual” (p. 445) como uma atitude - o preconceito é em essência uma atitude - negativa em relação a um sujeito que pertence a um grupo social estereotipado por suas interações sexuais, gênero, e comportamento, e que contradiz o pressuposto padrão da heterossexualidade.

O comportamento discriminatório dirigido para Lara, perpassa todos os espaços de convívio social no qual ela está inserida. Sua transexualidade, identidade sexual não hegemônica, é vista pela sociedade de forma preconceituosa, baseada em estereótipos e crenças que se expressam pela discriminação (Rodrigues et al., 2009). No contexto escolar, por exemplo, a protagonista passa por diversas situações em que esse comportamento é promovido pelo meio, em que esse afeto negativo em relação ao seu gênero é explicitamente imposto a ela, como por exemplo, em uma cena na qual o professor solicita a Lara que feche os olhos para que possa questionar às outras alunas - durante a classe, em meio aos colegas - se o uso do vestiário feminino por parte de Lara às constrangeria ou incomodaria. Essa atitude do educador nos mostra que ele não via Lara da mesma forma como ela se via, ela era uma mulher com um corpo no qual ela não se identificava. Quando frequentava o vestiário Lara tomava banho de calcinha - comportamento que também repetia em casa - justamente para esconder aquilo que a sociedade via como determinante para seu gênero, e a impedia de ser aceita.

Quando pensamos no ambiente escolar como agente de inclusão e como ferramenta de conhecimento para combater preconceitos e comportamentos discriminatórios, atitudes como a do professor citado, que perpetuam o comportamento preconceituoso, expõem que a discussão sobre gênero ainda está restrito a um ambiente acadêmico e elitista, a reflexão prática ainda está longe das bases do sistema educacional (Madureira & Branco, 2015). Base essa, que através de propostas pedagógicas podem construir ferramentas de enfrentamento ao preconceito, não só de gênero, mas de cor, etnia, religião, e etc. O silenciamento da instituição diante o preconceito que Lara sofria, espelha o silenciamento da sociedade, e corrobora com as práticas discriminatórias e segregacionistas em direção a conjunto que não se enquadra no padrão heteronormativo, e que entendem uma possível aproximação ou

empatia por esses grupos como uma espécie de adesão ao grupo ou às práticas sexuais (Louro, 1997).

Essa ratificação do comportamento preconceituoso se expressa também nas interações com as colegas de classe, que ao promoverem uma festa do pijama, segregam Lara em um quarto separado, novamente explicitando o fato de que não conseguem enxergar a personagem dentro da sua identidade de gênero, deixando os padrões sexuais hegemônicos estabelecidos se sobressair e se impor sobre quem a protagonista deve ser sob a ótica normativa. A discriminação como fator comportamental do preconceito é uma resposta física a cognição (estereótipo) e ao afeto, ela pode se dar por um afastamento, pela linguagem, e até pela violência física, emocional e psicológica (Teixeira et al., 2018). Durante a festa do pijama o comportamento discriminatório por parte de uma das colegas em insistir e exigir - como maneira de compensação por elas permitirem a protagonista de estar no mesmo ambiente que as outras garotas - que Lara mostrasse seu órgão genital, se transformou em um comportamento violento e violador, a forma como a cena é conduzida até de fato a protagonista se render e se expor para as outras de uma forma que nem ela consegue se olhar, sozinha e recolhida ao ambiente seguro do seu quarto, é uma forma crua e extremamente necessária de mostrar o alcance e o poder do preconceito em ferir e destruir as defesas de um sujeito.

Considerações Finais

Ao fim do estudo, todos os objetivos propostos foram atingidos. Observou-se que as interações sociais de Lara foram perpassadas pelo seu comportamento retraído, dificultando seu estabelecimento de laços e sentimento de pertencimento. Observou-se também a fragilidade na construção de sua autoimagem, tornando dolorosa a relação da personagem com seu próprio corpo. Destacou-se ainda o quão violenta pode ser a vivência da adolescente transgênero num contexto tomado por comportamento discriminatório e preconceituoso, sendo este o possível gerador e mantenedor de sua retração social e dificuldade na construção de sua autoimagem.

O principal motivo do processo de observação do trabalho ter sido feito a partir de um filme, foi que a realização deste ocorreu no contexto da pandemia de covid-19 e do ensino remoto emergencial. Assim, mesmo tendo conseguido observar todos os fenômenos propostos, uma limitação para a confecção do trabalho foi a falta de contato real com um adolescente trans e sua realidade.

O filme não necessariamente representa com veracidade a vivência da adolescente, pois não é esse o objetivo dele. Além disso, sendo um filme Belga, não representa a realidade brasileira que é extremamente violenta contra a população trans, visto que o Brasil é o país que mais mata membros da comunidade LGBTQIA+ no mundo, e a expectativa de vida de transexuais no país é de apenas 35 anos (Trans Murder Monitoring, 2016; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2016 apud Oliveira, 2019). Assim, infere-se que as vivências de uma adolescente transexual no Brasil seriam ainda mais violentas, perpassadas por diversos outros aspectos que a complexificariam, sendo necessária uma observação ainda mais ampla e interseccional.

Os estudos sobre transexualidade ainda são muito recentes e escassos e uma das críticas feitas aos estudos existentes é a falta de representatividade na comunidade acadêmica. Ainda são poucos os pesquisadores transexuais, dessa forma a maioria dos estudos são feitos por pessoas que não necessariamente conhecem as lutas e reivindicações dessa população. Assim, para que a comunidade transexual seja realmente representada na academia, faz-se necessário que o lema “nada sobre nós, sem nós” cunhado pelo movimento político das pessoas com deficiência (Brasil, 2010) seja também incorporado a esse movimento.

Para futuros trabalhos, sugere-se a pesquisa e o estudo de assuntos relacionados a transexualidade na adolescência e suas ramificações na cultura brasileira, ao considerarmos que a transexualidade é uma discussão de gênero de nível mundial, porém tratada de formas distintas conforme contexto e padrões culturais, sociedade na qual a pessoa está inserida, crenças, entre outros aspectos que interferem na análise de assuntos relacionados a gênero. Além disso, sugere-se que os próximos estudos sejam feitos por observação em campo ou com coleta de entrevistas, de forma a estabelecer um contato mais real e palpável com o fenômeno estudado.

Sugere-se, também, um aprofundamento nas pesquisas relacionadas ao retraimento social, visto haver pouco conteúdo bibliográfico que permita uma análise mais elaborada dos conteúdos presentes nesta pesquisa, sobretudo ao relacionarmos os fenômenos que englobam a transexualidade na adolescência ao retraimento social.

Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association. (2002). DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. (4a ed). Porto Alegre: Artmed.
- Brasil. (2010). História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil. Brasília: Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência.
- Correia, J., Santos, A. J., Freitas, M., Ribeiro, O., & Rubin, K. (2014). As relações entre pares de adolescentes socialmente retraídos. *Análise Psicológica*, 32(4), 467–479.
- Recuperado de:
http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3962/1/AP_32_467-479.pdf. doi:
<https://doi.org/10.14417/ap.870>
- Correia, J., Santos, A. J., Freitas, M., Ribeiro, O., & Rubin, K. (2015). O retraimento social em adolescentes: Um estudo descritivo do seu ajustamento sócio-emocional segundo a perspectiva dos professores. *Temas em Psicologia*, 23(2), 255-267. Recuperado de:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X201500020002. doi: <https://dx.doi.org/10.9788/TP2015.2-02>
- Faria, L. (2002). *A importância do auto-conceito em contexto escolar*. In C. M. Lopes Pires, P. J. Costa, S. Brites, & S. Ferreira (Orgs.), *Psicologia, sociedade & bem-estar* (pp. 87-98). Leiria: Editorial Diferença
- Flick, U. (2012). *Introdução à metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes* (1a ed.). Porto Alegre: Penso.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4a ed.). São Paulo: Atlas.
- Havighurst, R. J. (1951). *Developmental tasks and education* (2a ed.). New York: Longman Green.

- Herek, G. M. (2009). *Sexual prejudice*. In T. Nelson (Ed.), Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination (pp. 439-465). New York: Psychology Press
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (2. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Lukas Dhont (Diretor). (2018). *Girl* [Filme]. Dirk Impens.
- Madureira, A. F. A., & Branco, A. U. (2015). Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia*, 23(3), 577 - 591.
doi:10.9788/TP2015.3-05
- Marsh, H. W., & Hattie, J. (1996). *Theoretical perspectives on the structure of self-concept*. In B. A. Bracken (Ed.), Handbook of self-concept. Developmental, social and clinical considerations (pp. 38-90). New York: John Wiley & Sons, Inc
- Mendes, A. R., Dohms, R. P., Lettnin, C., Zacharias, J., Mosquera, J. J. M., & Stobäus, C. D. (2012). Autoimagem, autoestima e autoconceito: contribuições pessoais e profissionais na docência. *Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*, Caxias do Sul, RS, Brasil, 9. Recuperado de <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/724/374>
- Monro, S. (2005). *Gender politics. Citizenship, activism and sexual diversity* (1a ed). Londres: Luto Press
- Nogueira, E. J. (2001). *Rede de relações sociais: Um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupos etários* (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Recuperado de http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/253597/1/Nogueira_ElieteJussara_D.pdf

- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M., & Nunes, M. V. (2012). Correlatos e consequências do retraimento social na infância. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64 (1), 122- 138. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v64n1/v64n1a10.pdf>
- Oliveira, J. (2019). "Estou fazendo hora extra no mundo": o inesperado cotidiano da velhice trans.. Recuperado de: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/19/politica/1560972279_749450.html.
- Organização Mundial Da Saúde. (1997) CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. (10a rev). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Papalia, D. E. (2013). Desenvolvimento Humano (12 ed.). Porto Alegre: AMGH.
- Rodrigues, A., Assmar, E.M.L., & Jablonsky, B. (2009). *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes
- Rosenberg, M. (2004). Recognizing Gay, Lesbian, and Transgender Teens in a Child and Adolescent Psychiatry Practice. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*. 42(12). 1517-1521. Retrieved from: [https://www.jaacap.org/article/S0890-8567\(09\)62136-5/pdf](https://www.jaacap.org/article/S0890-8567(09)62136-5/pdf). doi: 10.1097/00004583-200312000-00020
- Rubin, K. H., Chen, X., McDougall, P., Bowker, A., & McKinnon, J. (1995). The Waterloo Longitudinal Project: Predicting internalizing and externalizing problems in adolescence. *Development and Psychopathology*, 7(4), 751-764. Retrieved from: <https://www.cambridge.org/core/journals/development-and-psychopathology/article/waterloo-longitudinal-project-predicting-internalizing-and-externalizing-problems-in-adolescence/B1EE3FBB3C2FDE1192AD5FFB14416462>. doi: <https://doi.org/10.1017/S0954579400006829>
- Rubin, K. H., Root, A. K., & Bowker, J. (2010). Parents, Peers, and Social Withdrawal in Childhood: A Relationship Perspective. *New Dir Child Adolesc Dev*, 127, 79 - 94.

Recuperado de

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3674826/pdf/nihms-403644.pdf>

Shavelson, R. J., Hubner, J. J., & Stanton, G. C. (1976). Self-Concept: Validation of Construct Interpretations. *Review of Educational Research*, 46(3), 407–441. Retrieved from: <https://journals.sagepub.com/doi/10.3102/00346543046003407>. doi: 10.3102/00346543046003407

Teixeira, S.M.O., Souza, L.E.C., & Maia, L.M. (2018). Ageísmo institucionalizado: uma revisão teórica. *Revista Kairós-Gerontologia*, 21(3), 129 - 149. Recuperado de <https://ken.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/41448/27912>

Trans Murder Monitoring. (2016) Trans Day of Remembrance (TDoR) 2016. Recuperado de: <https://transrespect.org/en/tmm-trans-day-remembrance-2016/>.

Zamboni, B. D. (2006). Therapeutic Considerations in Working With the Family, Friends, and Partners of Transgendered Individuals. *The Family Journal*, 14(2), 174–179. Retrieved from: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1066480705285251>. doi: 10.1177/1066480705285251

Zanette, J. E., & Felipe, J. (2017). *Dos enigmas da infância: quando a transexualidade tensiona os scripts de gênero. Para pensar a educação infantil em tempos de retrocessos: lutamos pela educação infantil*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS.

Zerbinati, J.P., & Bruns, M.A.T. (2018). A Família de Crianças Transexuais: O Que a Literatura Científica Tem a Dizer?. *Pensando Famílias*, 22(2), 37 - 51. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v22n2/v22n2a04.pdf>